



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

KARINA DA SILVA SANTANA MAIA

**LITERATURA AFRO-BRASILEIRA COMO PRÁTICA DE COMBATE AO RACISMO
NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2024

KARINA DA SILVA SANTANA MAIA

**LITERATURA AFRO-BRASILEIRA COMO PRÁTICA DE COMBATE AO RACISMO
NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso Licenciatura em Pedagogia do Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Claudilene Maria da Silva.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2024

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da Unilab
Catalogação de Publicação na Fonte

M186l

Maia, Karina da Silva Santana.

Literatura afro-brasileira como prática de combate ao racismo nos anos iniciais do Ensino Fundamental / Karina da Silva Santana Maia. - 2024.

54 f. : il. color.

Monografia (Licenciatura em Pedagogia) - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2024.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Claudilene Maria da Silva.

1. Antirracismo - Santo Amaro (BA). 2. Ensino fundamental - Santo Amaro (BA).
3. Literatura afro-brasileira. I. Título.

BA/UF/BSCM

CDD 305.8098142

Ficha catalográfica elaborada por Bruno Batista dos Anjos, CRB-5/1693

KARINA DA SILVA SANTANA MAIA

**LITERATURA AFRO-BRASILEIRA COMO PRÁTICA DE COMBATE AO RACISMO
NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia, na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Unilab - Campus dos Malês.

Aprovado em: 09/05/2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^o Claudilene Maria da Silva (Orientadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Prof. Dr. Ricardo Matheus Benedicto

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Prof.^a Dr.^a Ana Rita de Cassia Santos Barbosa

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Dedico este trabalho a minha vó Ingrácia de Santana
- Nenzinha (*in memoriam*).

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por guiar os meus passos em todos os momentos dessa jornada, sobretudo nos momentos de angústias, na corrida contra o tempo. A Ele também por ser a minha fortaleza, por permitir que eu concluísse a minha Licenciatura com saúde e muita perseverança. Tudo devo a Ti, Senhor!

À minha família pelo apoio, meus filhos, minha irmã, Rúbia e ao meu esposo pela parceria.

Aos meus pais Rubem /Cazuza (*in memorian*) e Alice (*in memorian*) pelo dom da vida.

À minha avó Ingrácia / Nenzinha (*in memorian*) pelo constante incentivo aos meus estudos. Essa conquista é nossa, minha vó!

Gratidão à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira e ao seu corpo docente aqui representado na pessoa da professora Ana Rita de Cássia dos Santos.

À orientadora Claudilene Maria da Silva pelo suporte necessário para a realização deste trabalho.

À docente entrevistada por acreditar na minha pesquisa e aceitar participar e colaborar com este trabalho.

À Blenda Cordeiro por me tranquilizar, responsabilizando-se pela formatação.

Aos membros da Banca Examinadora pelas significativas contribuições.

E a todos e todas que contribuíram, direta ou indiretamente para a consolidação deste trabalho. Eterna gratidão!

RESUMO

A pesquisa objetiva analisar como a Literatura Afro-Brasileira está sendo vivenciada como prática de combate ao racismo, por uma docente de turmas dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, em uma escola do município de Santo Amaro/BA. A escola sendo um espaço social e de formação, precisa acolher e discutir a diversidade, respeitando e valorizando as relações étnico-raciais. Entretanto, a Literatura Afro-Brasileira, apesar de estar respaldada na Lei de Diretrizes e Bases Brasileiras, alterada pela Lei nº 10.639/03, enfrenta muitos desafios para a sua consolidação de forma efetiva no espaço escolar, razão pela qual encontra-se às margens do currículo escolar. A pesquisa possui natureza qualitativa e para dar conta dos objetivos, utilizamos como procedimento metodológico o estudo bibliográfico e uma entrevista semiestruturada, com uma professora dos anos iniciais do ensino fundamental. Por esse caminho foi possível discutir as percepções da professora acerca da importância de trabalhar a Literatura Afro-Brasileira, como prática de combate ao racismo; mostrar como a docente tem trabalhado com a Literatura Afro-Brasileira e refletir sobre desafios do trabalho pedagógico com Literatura Afro-Brasileira nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Constatou-se que a Literatura Afro-Brasileira nos Anos Iniciais é um instrumento importante para explorar referenciais positivos, os quais valorizam a história, a luta e resistência da população negra, provocando transformações nas crianças, elevando a sua autoestima, formando cidadãos conscientes de sua origem, bem como combatendo o racismo e as desigualdades sociais. Desse modo, desconstruindo a imagem negativa que foi disseminada ao longo da história brasileira e reproduzida ou consolidada pelo sistema educacional através de propostas curriculares eurocêntricas.

Palavras-chave: antirracismo - Santo Amaro (BA); ensino fundamental - Santo Amaro (BA); literatura afro-brasileira.

ABSTRACT

The research aims to analyze how Afro-Brazilian Literature is being experienced as a practice to combat racism, by a teacher of Early Years of Elementary School classes, in a school in the city of Santo Amaro/BA. The school, being a social and training space, needs to welcome and discuss diversity, respecting and valuing ethnic-racial relations. However, Afro-Brazilian Literature, despite being supported by the Brazilian Guidelines and Bases Law, amended by Law No. 10,639/03, faces many challenges for its effective consolidation in the school space, which is why it finds itself on the margins of the school curriculum. The research is qualitative in nature and to achieve its objectives, we used bibliographical study and a semi-structured interview with a teacher from the initial years of elementary school as a methodological procedure. Through this path, it was possible to discuss the teacher's perceptions about the importance of working on Afro-Brazilian Literature, as a practice to combat racism; show how the teacher has worked with Afro-Brazilian Literature and reflect on the challenges of pedagogical work with Afro-Brazilian Literature in the Early Years of Elementary School. It was found that Afro-Brazilian Literature in the Early Years is an important instrument for exploring positive references, which value the history, struggle and resistance of the black population, causing transformations in children, raising their self-esteem, forming citizens aware of their origin, as well as combating racism and social inequalities. In this way, deconstructing the negative image that was disseminated throughout Brazilian history and reproduced or consolidated by the educational system through Eurocentric curricular proposals.

Keywords: Afro-Brazilian Literature. Combating Racism. Elementary School.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	15
3	EDUCAÇÃO, LITERATURA AFRO-BRASILEIRA E COMBATE AO RACISMO	18
3.1	UMA EDUCAÇÃO PARA O COMBATE AO RACISMO	18
3.2	LITERATURA AFRO-BRASILEIRA E CURRÍCULO ESCOLAR	21
4	A LITERATURA AFRO-BRASILEIRA EM SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	29
4.1	PERCEPÇÕES DA DOCENTE SOBRE A LITERATURA AFRO-BRASILEIRA E O COMBATE AO RACISMO NO ESPAÇO ESCOLAR	29
4.2	O TRABALHO PEDAGÓGICO COM LITERATURA AFRO-BRASILEIRA EM SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	32
4.3	DESAFIOS PEDAGÓGICOS PARA EXPLORAR A LITERATURA AFRO-BRASILEIRA COM AS CRIANÇAS DAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	44
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
	REFERÊNCIAS	49
	APÊNDICE - Roteiro da entrevista com a professora dos anos iniciais do Ensino Fundamental	53

1 INTRODUÇÃO

A escola é uma instituição que tem como referência o currículo escolar, o qual tem o papel de orientar e nortear o trabalho pedagógico, oferecendo uma educação capaz de desenvolver no discente as diversas capacidades, dentre elas, a capacidade de reconhecer e respeitar a diversidade étnico-racial como sendo inerente à humanidade. Portanto, faz-se necessário que as escolas desenvolvam propostas de ensino alinhadas a essa temática, visando o combate ao racismo, o respeito à diferença e a valorização identitária. Entretanto ao refletir sobre as práticas de ensino ofertadas através do espaço escolar, é possível perceber que em função desse mesmo currículo, as escolas priorizam alguns conteúdos em detrimento de outros.

A Literatura Afro-Brasileira, por exemplo, apesar de estar respaldada na Lei de Diretrizes e Bases da Educação, alterada pela Lei nº 10.639/03, muitos são os desafios para a sua consolidação de forma efetiva, razão pela qual encontra-se às margens do currículo escolar. Motivo pelo qual, este trabalho busca refletir sobre a Literatura Afro-Brasileira nos anos iniciais, como uma das possibilidades de combate ao racismo no espaço escolar.

Considero o trabalho com Literatura como uma importante forma de explorar a interdisciplinaridade, visando uma educação libertadora, capaz de combater o racismo. Contudo, a Literatura Brasileira, durante séculos, seguiu a linha do cânone literário, tendo como referências produções de obras clássicas, as quais têm como preferência paradigmas oriundos da cultura portuguesa e, dessa forma, os povos que contribuíram de forma significativa para a formação da sociedade brasileira nos diversos aspectos, socioculturais, religiosos, linguísticos dentre outros, foram desconsiderados e invisibilizados ao longo da história.

A partir de uma experiência educativa que vivenciei em uma escola, pude perceber na prática, a consequência de um currículo que preza por uma Literatura canônica, que não valoriza, como deveria, a diversidade étnico-racial, na qual os povos afro e indígenas também possam assumir um papel de protagonistas. Sendo assim, o meu interesse por essa temática surge, justamente, através desse trabalho desenvolvido por mim, com crianças na faixa etária de 7 a 8 anos, envolvendo o paradidático “O Pequeno Príncipe Preto para Crianças” de Rodrigo França da Editora Nova Fronteira.

O referido livro foi adotado para todas as crianças da sala. No primeiro momento de exploração da obra literária, foi feita a apresentação do livro, identificando o autor, a ilustradora, a editora, mas antes de iniciarmos a leitura propriamente dita, um aluno, surpreso, falou: “Gente! O príncipe é preto mesmo. Nunca vi um príncipe preto.” Todos os coleguinhas responderam: “É mesmo, ele é preto.”

Fiquei pensativa, analisando a importância de trabalhar com material pedagógico que explore a Literatura Afro-Brasileira em todos os segmentos de ensino, sobretudo nos anos iniciais porque a criança está na fase da imaginação e formação, portanto precisa apropriar-se de referências e conceitos positivos a respeito do povo negro.

Depois das falas das crianças, deixei por um momento, o paradidático e promovi uma roda de conversa sobre a nossa história, a formação do povo brasileiro, dos povos indígenas, africanos, como os africanos foram trazidos, de onde foram trazidos e, que lá, no continente africano, também tem príncipe, princesa, rei e rainha, dessa forma, não somos descendentes de “escravos”, ou melhor dizendo, pessoas que foram escravizadas.

Portanto, o estranhamento da turma em encontrar no paradidático, um personagem negro, assumindo um papel de Príncipe, ou seja, ocupando o lugar de privilégio, sendo protagonista, é o reflexo de uma sociedade preconceituosa, racista, paralelo a um sistema educacional que contempla no currículo escolar temáticas que supervalorizam uma história que não nos representa, não reflete a nossa história, a nossa cultura, ou seja, a nossa identidade, por isso nas obras literárias é comum, a figura do negro ocupar lugar secundário e, por diversas vezes, de forma estereotipada, estigmatizada, com conceitos pejorativos, sendo caracterizado por malandro, moleque, preguiçoso, feio, etc.

Da mesma forma é possível perceber na mídia televisiva o(a) negro(a) pode ser escravo(a), empregado(a), faxineiro(a) etc, mas não pode ser herói, rei, rainha, muito menos, uma pessoa capaz de produzir conhecimento. Para Sílvio Almeida, o racismo “a todo momento é reforçado pelos meios de comunicação, pela indústria cultural e pelo sistema educacional” (Almeida, 2019, p.45). É importante afirmar que não estou desvalorizando as profissões supracitadas, vivemos em uma sociedade, na qual existe uma interdependência, sendo assim, toda profissão é importante. A questão é o racismo estrutural que nos leva a internalizar que o negro pode ser o filho do empregado, mas não, o filho do patrão, tampouco, o príncipe, como bem, pontua

Almeida “...o racismo, como processo histórico e político, cria as condições sociais para que, direta ou indiretamente, grupos racialmente identificados sejam discriminados de forma sistemática” (Almeida, 2019, p. 36).

A partir da referida problemática surge o questionamento de partida: como a Literatura Afro-Brasileira está sendo vivenciada, como prática de combate ao racismo, por uma docente de turmas dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, em uma escola do município de Santo Amaro?

A escola é um espaço social e de formação, portanto, precisa estar respaldada no acolhimento, abraçando a diversidade, respeitando e valorizando as relações étnico-raciais, sobretudo quando se trata do público infantil. Entretanto Souza e Pereira nos mostram que nem sempre as atitudes racistas no ambiente escolar são abordadas como deveriam ser. Conforme indicam:

As atitudes racistas e discriminatórias costumam ser silenciadas ou dissimuladas, tornando-se quase naturais no cotidiano do espaço escolar, contribuindo para firmar e confirmar mentalidades etnocêntricas. Essa infância aparece como o outro, o diferente, que rompe a lógica hegemônica da sociedade (Souza; Pereira, 2019, p. 467).

Dessa forma, é possível inferir que a criança negra está sujeita sim, de sofrer com as consequências de atitudes racistas. A criança é um ser potente que está em constante formação identitária, sobretudo as crianças dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano), por já terem desenvolvido um pouco o senso crítico. Sendo assim, é de extrema importância que o espaço educacional proporcione ao educando um ensino que aborde, discuta e reflita as relações étnico-raciais de forma positiva visando combater o racismo como bem enfatiza Gomes e Araújo (2023):

Acreditamos que é nessa conjuntura que a educação, mais especificamente a Educação Infantil e o Ensino Fundamental estão inseridos nas lutas contra as desigualdades de gênero, de classe, sexo e na erradicação do racismo. Inserem-se, portanto, nas lutas por emancipação. (Gomes; Araújo, 2023, p.53).

Diante desse contexto, o objetivo geral deste trabalho é analisar como a Literatura Afro-Brasileira está sendo vivenciada, como prática de combate ao racismo, por uma docente de turmas dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, em uma escola do município de Santo Amaro. Os objetivos específicos são: (i) levantar as percepções da professora acerca da importância de trabalhar a Literatura Afro-

brasileira, como prática de combate ao racismo; (ii) investigar como a docente tem trabalhado com a Literatura Afro-Brasileira nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. (iii) identificar desafios do trabalho pedagógico com Literatura Afro-brasileira nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Considero que o trabalho é de grande relevância para a sociedade em geral, sobretudo para os profissionais da área da educação, gestores, educadores, coordenadores porque estão inseridos no espaço escolar. Um espaço que precisa enxergar, discutir e visibilizar as muitas culturas que nos formam. Ter o compromisso de ofertar um ensino libertador e democrático, o qual valorize as muitas identidades do povo brasileiro.

Para isso, é imprescindível que as escolas reavaliem e atualizem o seu Projeto Político Pedagógico (PPP), o qual se “constitui como elemento norteador do ser e do fazer da escola. É a identidade da escola [...] como este processo dialoga com as pessoas que lá estão inseridas” (Barros *et al.*, 2013, p. 91). Dessa forma, as literaturas afro-brasileira e indígena precisam compor o PPP, de forma eficaz, sistematizando e valorizando os diferentes saberes e culturas desses povos, pois através do mundo literário é possível explorar temáticas que promovam uma Educação voltada para as relações étnico-raciais, visando desenvolver atividades pedagógicas que fortaleçam o combate contra as práticas racistas.

Este trabalho está organizado em quatro seções: na primeira seção, temos a introdução apresentando a pesquisa; a segunda, apresenta os procedimentos metodológicos através de uma abordagem qualitativa; a terceira, intitulada “Educação, literatura afro-brasileira e combate ao racismo” sendo composta por duas subseções “Uma Educação para o Combate ao Racismo” e “Literatura Afro-Brasileira e Currículo Escolar” objetiva discutir a escola enquanto espaço social e de formação, razão pela qual tem o dever de contemplar a Literatura Afro-Brasileira na matriz curricular como forma de combate ao racismo, atendendo o que determina a Lei 10.639/03.

Na sequência temos a quarta seção intitulada “Literatura Afro-Brasileira nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental”, também sendo organizado em subseções “Percepções da Docente sobre a Literatura Afro-Brasileira e o Combate ao racismo no Espaço Escolar”; “O Trabalho Pedagógico com Literatura Afro-Brasileira nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental” e os “Desafios Pedagógicos para explorar a Literatura Afro-Brasileira com as Crianças dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.” Nas seções descritas, discutimos a pesquisa a partir das informações fornecidas pela

docente entrevistada, trazendo as suas percepções, reflexões, experiências e desafios acerca de sua prática pedagógica envolvendo a Literatura Afro-Brasileira.

Por fim, apresento as “Considerações Finais” relatando a experiência de pesquisa, as minhas impressões finais, retomando a importância da Literatura Afro-Brasileira como “ferramenta potente” para desenvolver um trabalho sólido com as crianças, ressignificando conceitos estereotipados por uma ideologia racista. E indicando a valorização e fortalecimento das identidades dessas crianças através das diversas possibilidades que o mundo literário nos inspira.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesta seção, apresento os procedimentos metodológicos utilizados para a realização deste trabalho, o qual tem como objetivo analisar como a Literatura Afro-Brasileira está sendo vivenciada, como prática de combate ao racismo, por uma docente de turmas dos Anos Iniciais, em uma escola do município de Santo Amaro.

Conforme Pedro Demo a “pesquisa é entendida tanto como procedimento de fabricação de conhecimento, quanto como procedimento de aprendizagem (princípio científico e educativo), sendo parte integrante de todo processo reconstrutivo de conhecimento” (Demo, 2017, p. 20).

Neste trabalho assumo a pesquisa qualitativa, que nas palavras de Godoy (1995), pode ser assim caracterizada:

A pesquisa qualitativa é descritiva. A palavra escrita ocupa lugar de destaque nessa abordagem, desempenhando um papel fundamental tanto no processo de obtenção dos dados quanto na disseminação dos resultados. Rejeitando a expressão quantitativa, numérica, os dados coletados aparecem sob a forma de transcrições de entrevistas, anotações de campo, fotografias, videoteipes, desenhos e vários tipos de documentos. Visando à compreensão ampla do fenômeno que está sendo estudado, considera que todos os dados da realidade são importantes e devem ser examinados. (Godoy, 1995, p.62).

Portanto, a abordagem qualitativa é a mais indicada para o referido trabalho porque possibilita o pesquisador apropriar-se das informações necessárias que nem sempre estão explícitas, mas sim, subentendidas no discurso, possibilitando uma real situação e compreensão do objeto pesquisado.

O campo de pesquisa é uma escola situada em uma comunidade quilombola, que atende ao segmento dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, vinculada à rede pública de ensino do município de Santo Amaro no estado da Bahia.

O Município de Santo Amaro localiza-se no Recôncavo Baiano, sendo um referencial histórico. Cunha (1995) nos mostra que ainda no século XVI, Santo Amaro foi um dos municípios responsáveis pela produção de açúcar em larga escala, mas ao longo da história, foi se destacando e monopolizando o setor açucareiro, com os seus diversos engenhos e usinas, razão pela qual no início do século XIX “ocupava, pois, a função de " capital" do Recôncavo açucareiro”. (Cunha, 1995, p.30).

De acordo com Santos (2020), a cultura do município é marcada pela influência dos povos africanos, manifestando-se através do Bembé do Mercado, do samba de roda, da capoeira, do maculelê, nego fugido, entre outras.

Para alcançar os objetivos traçados, as informações foram coletadas por meio de uma entrevista semiestruturada. A preferência por esse tipo de entrevista foi devido a praticidade no momento de coletar as informações, porque possibilita ao pesquisador, a elaboração de um roteiro de perguntas direcionando as questões para o objeto pesquisado, evitando o excesso desnecessário de informações. De acordo com Minayo, a entrevista semiestruturada “combina perguntas fechadas e abertas, em que o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre um tema em questão sem se prender à indagação formulada” (Minayo; Deslandes; Gomes, 2011, p.22).

Não foi fácil encontrar um(a) docente da rede municipal disponível a participar da entrevista. Conversei com alguns, expliquei a proposta do trabalho, mas sem sucesso. Já estava pensando na possibilidade de fazer em forma de questionário, via formulário google. Mas depois de um tempo, encontrei com essa docente, conversei informalmente, explicando a proposta da pesquisa e a dificuldade que estava tendo de contar com voluntário(a), foi quando ela mostrou-se solícita e marcamos um encontro, no qual confirmou a sua participação, justificando que tem afinidade e interesse pela temática.

A pertinência por essa educadora surgiu por ser uma profissional que trabalha em uma instituição que atende aos requisitos da pesquisa, por se tratar de uma região periférica, sobretudo por ser uma comunidade quilombola, tendo em vista todo processo histórico, cultural e social dessa comunidade.

A entrevista foi realizada no mês de junho de 2023 com uma docente que lecionava nas turmas dos 4º e 5º anos da rede municipal de Santo Amaro. Para isso, foi elaborado um roteiro que orientou todo o processo de coleta de informações. As perguntas foram direcionadas para investigar como o(a) professor(a) desenvolve atividades literárias afro-brasileiras em uma turma de uma escola do município de Santo Amaro.

Para a entrevistada, foi atribuído o nome fictício Valdeci. Antes de ir ao encontro, liguei um dia antes para a docente confirmando a entrevista. Quando cheguei para realizá-la, fui muito bem recebida, confesso que fiquei muito ansiosa, com receio de que, por algum motivo, Valdeci desistisse de ser entrevistada, mas tudo ocorreu bem.

Conversamos, expliquei mais um pouco sobre a proposta do trabalho e como surgiu o meu interesse pelo tema. Depois, apresentei o termo de consentimento livre e esclarecido (tcle) para que pudesse se apropriar formalmente sobre o objeto pesquisado, dando o seu consentimento através da assinatura.

A entrevistada, foi receptiva, conversou sobre um trabalho voluntário que desenvolve fora da escola com algumas crianças da comunidade e, somente depois, iniciamos a entrevista propriamente dita. Ela mostrou tranquilidade e segurança em responder às questões. A gravação da entrevista foi realizada utilizando um aparelho celular. Na sequência foi realizada a transcrição e, por último, a análise apoiando-se na base teórica.

3 EDUCAÇÃO, LITERATURA AFRO-BRASILEIRA E COMBATE AO RACISMO

Na primeira subseção dessa seção, discutimos a educação como forma de combate às práticas racistas. Em seguida, refletimos sobre a importância da Literatura Afro-Brasileira ser contemplada no currículo escolar.

3.1 UMA EDUCAÇÃO PARA O COMBATE AO RACISMO

A educação tem um papel importante referente a quebra de paradigmas, capaz de uma transformação social, proporcionando um ensino que preza por uma sociedade democrática, justa, a qual valoriza a identidade e diversidade étnico-racial, visando combater práticas racistas. Conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana: "é papel da escola, de forma democrática e comprometida com a promoção do ser humano na sua integralidade, estimular a formação de valores, hábitos e comportamentos que respeitem as diferenças e as características próprias de grupos e minorias" (Brasil, 2004, p.7).

Sendo assim, surge a necessidade de dar a devida importância a Literatura Afro-Brasileira em todos os segmentos de ensino, sobretudo nos Anos Iniciais, para que o público infantil tenha contado com a história do povo afro-brasileiro, a partir de um referencial positivo desde pequenos. História essa que, por séculos, foi contada a partir de um referencial negativo, de forma deturpada, preconceituosa e racista, portanto, a escola precisa proporcionar meios para que as crianças entendam como se deu o processo de formação do povo brasileiro, discutindo a importância de conhecermos a nossa origem, como o povo negro chegou nesse país chamado Brasil, como bem discute Kabengele Munanga (2015).

Portanto, o Brasil por ter a sua população marcada, majoritariamente, pelo povo negro, é dever da escola trabalhar a Literatura Afro-Brasileira de maneira significativa, sobretudo por ser um espaço que atende ao público infantil, sendo referência de valores morais e sociais. Dessa forma, independente de sua origem, a criança não pode ser silenciada por uma prática de ensino racista que por séculos foi parâmetro referencial.

Nesse sentido, a legislação brasileira visando cumprir com a pauta reivindicada pelo Movimento Negro, acerca de promover políticas afirmativas, criou estratégias “valorizando a riqueza da diversidade étnico-racial e cultural”. (Brasil, 2004, p. 5).

As Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER) no seu Art. 2º, informa como o referido documento está constituído,

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africanas constituem-se de orientações, princípios e fundamentos para o planejamento, execução e avaliação da Educação, e têm por meta, promover a educação de cidadãos atuantes e conscientes no seio da sociedade multicultural e pluriétnica do Brasil, buscando relações étnico-sociais positivas, rumo à construção de nação democrática. (Brasil, 2004, p. 31).

Partindo desse pressuposto, a Literatura Afro-Brasileira tem uma grande importância nesse processo, sobretudo quando essa literatura é voltada para o público infantil, pois adequando a abordagem do conteúdo à faixa etária é capaz de ressignificar conceitos, os quais foram deturpados, devolvendo às crianças negras e indígenas um direito que foi negado ao longo da história.

Conforme afirma Arantes (2022):

Autores que se dedicam ao estudo da literatura infantil no Brasil apontam que a literatura infantil surge no Brasil entre meados do século XX com a produção de livros para crianças adaptados, traduzidos ou escritos por brasileiros especialmente para leitura escolar, como forma de transmitir os valores morais e sociais que se pregavam na época. A ideia presente na sociedade da época era que as crianças absorveram o bom comportamento e valores a serem seguidos através de personagens modelos que eram protagonistas com características vinculadas aos grupos de mantenedores de poder, ou seja, não contemplavam a diversidade étnica. Uma vez que as ideologias, atitudes e estereótipos da estética branca eram dominantes, silenciavam a representação de personagens negras, indígenas, entre outras e, por consequência, esbranquiçava o leitor (Arantes, 2022, p. 45).

Contudo, Souza e Lima (2006) nos traz dados diferentes sobre o surgimento temporal da literatura infantil no Brasil. Na concepção das referidas autoras, os primeiros registros de literatura infantil no Brasil são datados no fim do século XIX para início do século XX, entretanto corrobora com Arantes referente aos estereótipos, a desvalorização das pessoas negras, negando a sua identidade, sua cultura, ocupando sempre o lugar de subalterno dentro da sociedade e do universo literário.

As autoras informam ainda, que as primeiras produções literárias com personagens negras ocorreram após o regime escravocrata, “no final da década de

20 e início da década de 30, no século XX” (Souza; Lima, 2006, p.188). Contudo, a representatividade das pessoas negras dentro da literatura brasileira era atrelada ao negativo por causa da organização de uma sociedade racista.

Ainda de acordo com as autoras, a partir de 1975, esse cenário adquire uma outra perspectiva devido à pressão de alguns autores. Dessa forma, foi possível “encontrar uma produção de literatura infantil mais comprometida com uma outra representação da vida social brasileira mais próxima da sociedade brasileira” (Souza; Lima, 2006, p. 188)”. Todavia, apesar das tentativas para discutir questões pertinentes ao racismo, ainda existiam contradições, pois nas produções literárias, o parâmetro de referência ainda era o branco.

Entretanto, na concepção das autoras supracitadas, atualmente é possível encontrar obras literárias voltadas para o público infanto-juvenil que negam a produção literária que desvalorizam o povo negro e abordam a raça negra com um outro olhar, embasado no respeito étnico -racial e no protagonismo.

De acordo com o que foi exposto nos parágrafos anteriores, a negação do protagonismo das nossas crianças através da educação, tanto as negras, quanto as indígenas, têm um contexto histórico perverso.

Após décadas, a educação escolar no Brasil ainda não contempla de forma plena o universo literário infantil, pois se assim fosse, não precisaria de uma Lei que obrigasse a inclusão da literatura afro-brasileira e indígena no currículo escolar, porque pelo fato de sermos brasileiros, pela lógica, estaríamos contemplados através da Literatura Brasileira de forma plena, mas o preconceito através do cânone literário não permite que isso aconteça, o que justifica a existência da Lei 10.639/03, obrigando o ensino da história da África e a cultura afro-brasileira nas escolas.

Arantes (2022) segue enfatizando a importância da “literatura infantil afro-brasileira” como um instrumento de formação identitária da criança negra,

[...] “literatura infantil afro-brasileira” aqui tratada diz respeito ao conceito de uma literatura que traz crianças negras como protagonistas, com narrativas e imagens livres de estereótipos. Com essa acepção, dizemos que a temática por nós estudada configura-se como indispensável na construção da identidade da criança negra. (Arantes, 2022, p. 52)

Portanto, para atender a esse direito da criança enquanto protagonista de sua história, é preciso a aplicabilidade da Lei nº 10.639/03.

A referida Lei foi resultado de luta e resistência do Movimento Negro Unificado (MNU). O Movimento Social Negro surgiu no final dos anos 1970 alterando o curso da história do povo negro. De acordo com Nilma Gomes:

O Movimento Negro conquistou um lugar de existência afirmativa no Brasil. Ao trazer o debate sobre o racismo para a cena pública e indagar as políticas públicas e seu compromisso com a superação das desigualdades raciais, esse movimento social ressignifica e politiza a raça, dando-lhe um trato emancipatório e não inferiorizante (Gomes, 2021, p. 21).

Desde então, através de muita persistência e militância, esse importante Movimento Social vem conquistando significativos direitos como a, já citada, Lei nº 10.639 do ano de 2003, sancionada pelo então Presidente Luís Inácio Lula da Silva. Entretanto, muitos são os desafios para o cumprimento da referida Lei, de forma efetiva no currículo escolar.

Nas palavras de Pontes (2017) a implementação da Lei possibilitaria, através da educação, um ensino sistematizado sobre a nossa história, a relação Brasil e África:

[...] acrescentando o artigo 26-A na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), promulgada em 1996, estabelece a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana nas escolas públicas e privadas do país e a necessidade de trazer o continente africano para dentro da sala de aula. A aplicação da lei, permite que os conhecimentos da filosofia, produzidos por pensadores africanos, deixem de ser invisíveis para o sistema educacional (Pontes, 2017, p.14).

Contudo, após 20 anos da Lei 10.639/03 ter sido sancionada, ainda existem muitos descontentamentos com o ensino da História e a Cultura Afro-Brasileira, razão pela qual é necessário uma transformação significativa no currículo escolar.

3.2 LITERATURA AFRO-BRASILEIRA E CURRÍCULO ESCOLAR

Para Eduardo Assis Duarte (2010), a Literatura Afro-Brasileira há séculos que se faz presente no cenário literário, contudo foi no início do século XXI que esse formato de literatura passou a adquirir uma maior visibilidade, alcançando significativas conquistas, fortalecendo a sua legitimação, dentre elas, a “consolidação acadêmica enquanto campo específico de produção literária” (Duarte, 2010 p 113).

Nas palavras de Maria Nazareth Fonseca (2006) a Literatura Afro-Brasileira é a apropriação de uma produção literária a partir da relação Brasil e África. A referida produção pode ser explorada no contexto histórico que consolidou a sociedade brasileira através do regime escravocrata, como também a importância que a África tem para a humanidade.

A “literatura afro-brasileira” procura assumir as ligações entre o ato criativo que o termo “literatura” indica e a relação dessa criação com a África, seja aquela que nos legou a imensidão de escravos trazida para as Américas, seja a África venerada como berço da civilização. (Fonseca, 2006, p. 23)

Mas qual a importância real do termo Literatura Afro-Brasileira? Fonseca (2006, p.13) retrata a divergência existente entre alguns autores negros sobre a utilização dos termos “escritor negro”, “literatura negra” ou literatura afro-brasileira, pois para eles “essas expressões particularizadoras acabam por rotular e aprisionar a sua produção literária”. Mas existem autores que defendem o uso dos termos marcando a literatura do povo negro, dentre eles, a própria Fonseca (2006). Ela é defensora da importância do uso dessas expressões e enfatiza a exclusão promovida através do cânone literário, pois quando se trata, somente, de Literatura Brasileira, os autores responsáveis pelas obras consideradas clássicas são evidenciados em detrimento da maioria dos(as) autores(as) negros(as), pois são caracterizados(as) “pelos modos inferiorizantes como a sociedade os percebe. Assim, os escritores de pele negra, mestiços, ou aqueles que, deliberadamente, assumem as tradições africanas em suas obras, são sempre minoria na tradição literária do país” (Fonseca, 2006, p. 13).

Dessa forma, as obras literárias produzidas pelos afrodescendentes precisam ser marcadas e valorizadas, razão pela qual a autora afirma ser necessário a apropriação do termo “literatura negra”, visando o fortalecimento e a ressignificação de conceitos que ao longo da história foram estereotipados:

[...] a denominação “literatura negra”, ao procurar se integrar às lutas pela conscientização da população negra, busca dar sentido a processos de formação da identidade de grupos excluídos do modelo social pensado por nossa sociedade. Nesse percurso, se fortalece a reversão das imagens negativas que o termo “negro” assumiu ao longo da história. (Fonseca, 2006, p.23).

E sobre essa “literatura negra” quem está autorizado(a) a falar? Pode terceiros relatar a história não vivida? Para Valquíria Menezes (2020), a resposta é “Não”. A autora traz reflexões importantes sobre o corpo que está autorizado a contar a história do povo negro. Na concepção da autora, “[...]o negro é o protagonista dessa literatura, tendo um lugar de fala único, que não pode partir de um outro corpo, que não viveu e não vive as distorções históricas que até o momento atual, tem tentado nos ditar lugares” (Menezes, 2020, p.5).

Sendo assim, tanto os autores(as) afrodescendentes quanto os indígenas precisam sair da invisibilidade e ocupar os seus lugares de protagonistas na literatura brasileira.

Refletir sobre qual é o lugar das literaturas Indígena e afro-brasileira no currículo escolar, pode ser um passo importante nesse processo, pois o Brasil é um país marcado pela interculturalidade, portanto, a escola, enquanto instituição democrática, não pode desprezar a diversidade étnico-cultural. É dever da escola valorizar os autores negros/indígenas, bem como, as suas obras literárias, retratando a interculturalidade, resgatando, respeitando e valorizando as diferentes culturas.

Conforme Kabengele (2015), a apropriação de uma abordagem educacional que valoriza a diversidade cultural é uma estratégia capaz de promover uma “cultura de paz e o fim das guerras entre deuses, religiões e culturas”, contudo, o autor reflete sobre o cuidado que precisa ter para o multiculturalismo não resumir em um “pluralismo sem limites” e sem uma integração das diferentes culturas minoritárias que ficaram às margens da História. Dessa forma, o multiculturalismo precisa ter um caráter emancipatório dos grupos minoritários, indígenas, negros dentre outros, que foram silenciadas na escrita da História Brasileira, dessa forma, a aplicabilidade das leis 10.639/03 e 11.645/08 nas escolas, é possível resgatar e valorizar esse multiculturalismo oriunda das diferentes culturas, mas que muito tempo, o sistema de ensino atendeu aos interesses de um único grupo.

A escola reforçou essas práticas racistas, a partir do momento que a história e a cultura do colonizador tem um lugar de privilégio na estrutura curricular, enquanto, a história dos povos indígenas e africanos é explorada superficialmente, de modo romantizado, folclorizado, inferiorizado e estereotipado como é possível perceber através da Literatura, nas histórias, nos contos, o povo negro sendo colocado como subalterno, incapaz, como bem aponta Fabiana de Lima:

[...] grupos tomados como a degenerescência do projeto europeu de civilização, sejam descendentes de africanos escravizados ou indígenas e indiodescendentes, são rebaixados à condição de subalternos, tanto em termos físicos quanto nos níveis social, cultural, intelectual ou político, durante o processo de colonização e depois dele (Peixoto, 2013, p.19)

Portanto, a instituição escolar enquanto um espaço que promove a educação formal, precisa ser um instrumento de produção e disseminação dos mais diferentes saberes, visando resgatar, respeitar e valorizar a diversidade étnico-racial, sendo capaz de desempenhar o papel de ressignificar conceitos equivocados ao longo da história. Sendo assim, o sistema educacional precisa dar conta de contemplar essa diversidade, explorando temáticas que retratem o multiculturalismo, dentre outras, a cultura oriunda do povo negro, como já mencionadas em outros momentos, a respeito da sua importância singular na formação da sociedade brasileira, mas que por séculos foi negligenciada pela educação, ocupando às margens dos livros didáticos, dos componentes curriculares, portanto, a escola tem o papel, o dever de discutir, de forma interdisciplinar conteúdos pertinentes a história do povo brasileiro, muito bem enfatizado nas palavras de Delton Aparecido Felipe:

[...] é preciso alertar que todas as disciplinas do currículo escolar devem trabalhar os temas referentes ao Ensino de História e Cultura Afro -Brasileira e Africana, as diretrizes recomendam que esse conteúdo não seja responsabilidade de uma única disciplina ou determinada área em detrimento de outras, mas que tenha o envolvimento de toda comunidade escolar, inclusive os profissionais que atuam na escola, fora de sala de aula (Felipe, 2020, p. 3-4).

Sendo assim, a educação é, necessariamente, um instrumento de combate às práticas racistas, valorizando a diversidade étnico-racial, contudo o ensino da nossa história de forma sistematizada, ainda é um desafio, motivo pelo qual faz-se necessário medidas para “não perpetuar uma visão unilateral da história e dos indivíduos” (Felipe; Zappone, 2019, p. 13).

Dentre tantas estratégias, o Ministério da Educação (MEC) precisa intensificar a implantação de cursos de formação continuada dos profissionais da educação, visando uma transformação nas práticas de ensino desses profissionais, bem como, fiscalizar o Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), pois é necessário um olhar sensível à temática aqui discutida para oferecer às escolas um material pedagógico contemplando as Leis nº 10.639/03 e nº 11.645/08, que alteram o artigo 26 A da LDB: “Art 26A tornando obrigatório em todos os estabelecimentos de

“ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena” (Brasil, 2008).

Portanto, de acordo com as Diretrizes Curriculares para Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER), o ensino da história e cultura dos povos afro-brasileiro e indígenas, precisa ser contemplado em todos os segmentos, pois tendo os povos negros e indígenas como referenciais positivos, protagonizando a nossa história, contribuirá para combater o racismo, as desigualdades sociais, o preconceito racial, desconstruir a imagem negativa desses povos que tanto foram discriminados por diversas camadas da sociedade, construindo assim uma identidade positiva, como bem afirma Gomes (2005).

O espaço escolar é o lugar de respaldo para evidenciar todas essas inquietações, contribuindo para uma construção sólida do conhecimento sobre a história do povo brasileiro, combatendo o racismo e preconceito, apropriando-se da educação, em busca de uma valorização identitária, construindo uma sociedade mais justa, pautada no respeito à diversidade. Portanto, a Literatura Brasileira não pode ser explorada em um país, o qual tem a diversidade como característica marcante, atendendo a um currículo hegemônico, excluindo os grupos que ajudaram na sua composição, contribuíram para a formação da sociedade brasileira, mas como bem enfatizado por Kabengele (2015) até o momento da criação da Lei nº 10.639, essa temática ocupou as margens do currículo escolar.

Dessa forma, a história dos povos afro-brasileiros precisa ser ensinada nas escolas de forma ressignificada, indo para além da concepção de “descendentes de escravos” e desenvolvendo propostas pedagógicas que explorem e enfatizem a nossa história na perspectiva do processo de luta e de resistência do povo negro. Reis e Gomes, (1996, p. 9) afirmam que “onde houve escravidão, houve resistência”. Essa afirmação nos mostra que a “resistência” sempre se fez presente na história do nosso povo, não somente dos afro-brasileiros, mas durante toda a dispersão dos povos africanos.

Portanto, a luta, a resistência e a contribuição dos povos africanos na formação da sociedade brasileira precisam ser estudadas pelas instituições de ensino de forma significativa e positiva, longe da ótica de um currículo eurocêntrico.

Apesar de muitas inquietações acerca da abordagem do ensino da história do povo negro, Gomes e Araújo afirmam que:

[...] no âmbito colaborativo e de compromisso ético e social constatamos que houve um grande avanço na produção acadêmica no sentido de trabalhar na perspectiva de elaboração de materiais didáticos e formativos disponibilizados nas mídias, especialmente sob domínio público, que contemplem, entre outras, a diversidade de infâncias, de crianças e suas realidades étnico-raciais, de gênero, de classe, de credo religioso, de nacionalidades, as histórias de vida e desafios do viver de seus coletivos sociais, além de outras construções culturais. Aqui nesse imenso universo de produções de trabalhos de brasileiros e brasileiras, destacamos o Neinb/USP [...] (Gomes; Araújo, 2023, p. 50).

Ainda há muito o que fazer, mas de acordo com as autoras supracitadas, existe sim, um avanço na elaboração de material didático voltado para as relações étnico-raciais no Brasil.

Corroborando com Gomes, Claudilene Silva (2016), através na sua tese intitulada “Práticas pedagógicas de valorização da identidade, da memória e da cultura negras” nos traz dados significativos, a partir de “situações didáticas” desenvolvidas em duas escolas brasileiras de duas diferentes regiões do país, abordando a cultura afro-brasileira de forma positiva. Observemos o quadro elaborado pela autora:

Quadro 1 - Situações didáticas de valorização da identidade, da memória e da cultura negras

ATIVIDADE	CONTEÚDOS	RELAÇÕES
Leitura, Contação e interpretação de Histórias	Livros infantis - Menina bonita do laço de fita - Bruna e a galinha d'angola - Minhas contas - Minha mãe é negra sim! Mitos africanos e afro-brasileiros - Iansã e a democracia - Ossain O protetor das folhas - Oxum e seu mistério Contos africanos e afro-brasileiros - A árvore de cabeça para baixo - Amigos, mas não para sempre - A árvore que prendeu a mulher do entalhador Pessoas Negras - Personalidades e comuns.	Momentos de escuta Momentos de leitura Reflexão dialógica
Exposição dialogada	Reflexão sobre o contexto - Situação da população negra - Conjuntura política da cidade - Reparação e ações afirmativas	Momentos de escuta Reflexão dialógica
Produção escrita	História da Bahia Cultura africana e afro-brasileira História de personalidades negras Acontecimentos cotidianos Releitura dos livros, mitos e contos.	Momentos de escuta Reflexão dialógica Reflexão individual Construção individual ou coletiva do texto
Tarefas e avaliações disciplinares	Conteúdos disciplinares Conteúdos educativos/temáticos.	Reflexão individual Construção individual ou coletiva das respostas
Leitura de mapas	Localização da África e do Brasil	Reflexão dialógica
Confecção de cartazes e artefatos culturais	Penteados afros Releitura dos livros infantis, mitos e contos africanos e afro-brasileiros Diversidade cultural, racismo e discriminação racial Artefatos culturais de países africanos.	Momentos de escuta Reflexão dialógica Reflexão individual Construção individual ou coletiva do material
Pesquisa em livros, material publicitário, com pessoas mais velhas comunidade	Cultura africana e afro-brasileira Situação da população negra Representação do negro na mídia História da comunidade	Leitura de textos diversos Momentos de escuta Reflexão dialógica Construção individual ou coletiva das respostas
Vivências e apresentações culturais	Capoeira, Hip Hop, Samba, Maracatu	Momentos de escuta Experimentação corporal Expressão corporal
Exibição de filmes	Kiriku e a feiticeira Besouro Cordão de Ouro Ranhia Nzinga	Momentos de escuta/visualização Reflexão dialógica
Conversas espontâneas	Autoestima e orgulho do pertencimento Situação da população negra Histórias de pessoas personalidades negras	Reflexão dialógica

Fonte: Silva (2016, p. 183).

De acordo com os dados trazidos por Silva (2016), é possível perceber uma prática de ensino sob a luz da Lei nº 10.639/03. Ou seja, as atividades propostas, os materiais pedagógicos selecionados contemplam o que estabelecem as Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER), como já mencionadas nas seções anteriores, sobre o ensino da história da África e cultura afro-brasileira a partir de um referencial positivo.

Dessa forma, através de uma proposta interdisciplinar e criativa, foram desenvolvidas diversas atividades utilizando diferentes estratégias de abordagens como, por exemplo, a apropriação da Literatura Afro-Brasileira explorando narrativas de forma didática e positiva na perspectiva de uma ressignificação, valorizando a identidade da criança negra, resgatando a nossa história, enfatizando a autoafirmação, a exemplo do livro intitulado "Minha mãe é negra sim". É possível também identificar no referido quadro, abordagens mitológicas africanas para discutir a história dos nossos ancestrais, bem como, produções textuais, leituras de mapas oportunizando a criança apropriar-se da localização da África, estabelecendo uma relação histórica África e Brasil, desmistificando o conceito de uma África enquanto país, mas sim conceituando-a como um continente, de acordo a escala continental. Foram desenvolvidas pesquisas, expressões culturais, exibição de filmes, leituras, rodas de conversas entre outras.

A partir das propostas descritas no quadro, nos leva a inferir que adequando o conteúdo à faixa etária da turma, é possível desenvolver um plano de ensino explorando conceitos classificados complexos, a partir de uma abordagem criativa, promovendo assim uma educação que dialogue com a nossa história de forma significativa.

Dialogando com estes trabalhos, conforme a entrevista analisada no próximo capítulo com a docente Valdeci, é possível perceber também uma consciência sobre uma prática educativa que contemple a referida temática. Nesse sentido, a docente busca estratégias próprias, pois de acordo com suas palavras, enquanto educadora dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, ela não recebeu o suporte pedagógico necessário para desenvolver um trabalho voltado para a exploração da Literatura Afro-Brasileira, pelo menos no ano da realização deste trabalho, em 2023.

4 A LITERATURA AFRO-BRASILEIRA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

A Literatura Afro-Brasileira nos Anos Iniciais pode ser uma estratégia capaz de promover uma educação antirracista. Mas para que isso aconteça é necessário que a escola e os docentes se apropriem de referenciais pedagógicos positivos, retratando a diversidade étnico-racial com respeito, bem como, desenvolvam atividades explorando a imaginação da criança, através da contação de histórias, da leitura e da escrita. Dessa forma, o público infantil terá contato, desde cedo, com obras literárias, as quais retratam o povo afro-brasileiro como sujeito de direito.

Partindo desse pressuposto, a entrevista realizada com a docente Valdeci (nome fictício) nos trouxe informações importantíssimas sobre a percepção da docente acerca da Literatura Afro-Brasileira como prática de combate ao racismo nas Anos Iniciais do Ensino Fundamental e como essa temática está sendo contemplada em sua atuação na escola.

4.1 PERCEPÇÕES DA DOCENTE SOBRE A LITERATURA AFRO-BRASILEIRA E O COMBATE AO RACISMO NO ESPAÇO ESCOLAR

De acordo com as informações adquiridas através da entrevista, a docente Valdeci, trabalhou com as turmas do 4º e 5º anos. A professora nos relata seu entendimento sobre a importância do professor traçar propostas pedagógicas desde a educação infantil, levando em consideração as relações étnico-raciais, sobretudo pensando no contexto da sociedade brasileira, marcada pela diáspora africana, tendo a sua população predominantemente negra. Sendo assim, a docente afirma que realiza atividades, explorando a história do povo negro, tendo como base, o protagonismo, principalmente por ser uma escola localizada em uma comunidade quilombola. Portanto, a professora desenvolve uma prática pedagógica dialogando com Felipe e Zappone, pois busca:

[...] uma reflexão sobre suas práticas de análise e as escolhas dos textos, para não perpetuar uma visão unilateral da história e dos indivíduos. Por esta razão, faz-se aqui um esforço pelo olhar multicultural, a fim de que a escola reconheça as culturas locais de seus alunos, funcionários e professores. E que estes últimos saibam escolher textos e eventos de letramento [...] (Felipe; Zappone, 2019, p.13).

Os autores mencionados, refletem sobre a alteração que o termo letramento¹ sofreu ao longo do tempo para contemplar a diversidade de letramentos, pois a prática de letramento não acontece apenas no espaço escolar. Por esse motivo, os especialistas sobre o assunto adotaram o termo letramentos. “Isso porque os usos sociais da linguagem ocorrem em contextos igualmente variados, incluindo-se aí o afroletramento” (Felipe; Zappone, 2019, p.14).

Ainda de acordo com os autores, o afroletramento “surge como estratégia discursiva de empoderamento e dessubalternização do indivíduo negro”, por isso é importante que as práticas pedagógicas estejam alinhadas com a proposta do afroletramento, levando para o espaço escolar através da Literatura Afro-brasileira o conhecimento sobre a nossa ancestralidade, história e cultura, a partir de novo paradigma.

Outros (as) autores têm refletido sobre o afroletramento como “um lugar de agenciamento de poder capaz de, além de promover a diversidade, promover o Letramento numa perspectiva afrocentrada²” (Nascimento, 2010, p.4).

Para isso, a escola precisa mexer no currículo atual, ressignificando, desenvolvendo atividades com especificidades para a aquisição da leitura e escrita, mas também um ensino alinhado com a temática do “afroletramento” visando desenvolver propostas pedagógicas combatendo as práticas racistas, oportunizando às crianças negras condições para que se apropriarem de informações positivas a respeito de sua história, da luta e da resistência do povo afro-brasileiro, colocando-as no cenário de protagonistas, como bem enfatiza Nascimento, corroborando com Felipe e Zappone, quando diz que:

[...] o Afroletramento não é apenas o aparelhamento da técnica da Leitura e da Escrita com a alfabetização pelos grupos historicamente subalternizados, mas a possibilidade do uso social e político da Leitura e da Escrita como estratégias de dessubalternização (Nascimento, 2010, p. 5).

¹ A leitura de vários gêneros do discurso pode ser estabelecida como prática de letramento, visando instrumentalizar o aprendiz sem subtrair dele seus conhecimentos prévios e valiosos para o processo de alfabetização. Isso significa que serão encontrados diferentes tipos de letramento em cada um dos educandos, uma vez que cada um deles está inserido em um núcleo familiar social e diverso. É importante salientar que não se faça erroneamente apenas a substituição do termo alfabetização pelo termo letramento (Soares, 1998).

² “O modelo de educação que defendemos é afrocentrado, ou seja, centrado na experiência africana e afro-brasileira” (Benedicto, 2019, p. 30).

De acordo com seus relatos, a docente deixa explícito a importância de desenvolver um trabalho educativo explorando a Literatura Afro-Brasileira, bem como, enfatiza a necessidade do discente se ver representado no contexto escolar como forma de valorização e contribuição na sua formação identitária. A professora entende que esta ação é capaz de elevar a autoestima da criança, reconhecendo-se como um cidadão de direitos e deveres.

Vejamos a resposta da professora Valdeci, quando perguntada sobre a importância de explorar, nos anos iniciais, obras literárias com personagens negros/as assumindo um lugar de protagonista:

Os alunos precisam se enxergar como atores de sua própria história e...precisam ser representados. Porque as nossas salas de aula, os alunos não se enxergam nela, não se enxergam. [...] porque a gente tá acostumado com a Educação [...] do colonizador, europeia. E os nossos alunos, eles não se enxergam nos livros didáticos, nas aulas, nos textos de Língua Portuguesa. Então, eu procuro trazer tudo isso. Você precisa ver como é um barato, quando eu coloco nas situações problemas de Matemática, o nome dá... do pai, da mãe, de alguma profissão que desenvolve pra trabalhar cálculos, eles ficam radiante, de se encontrar, de se ver naquela aula, então, a intenção é essa, que eles se enxerguem, se reconheçam. Afirme a sua identidade e que não tenha vergonha de ser quem são.

A educadora, tece uma crítica ao material didático. Na concepção da docente, as crianças negras não são representadas nesses materiais, por isso ela enfatiza a importância da representatividade positiva das crianças negras nos livros didáticos, bem como, nos paradidáticos explorando o mundo literário na sua diversidade, contemplando as diferentes histórias e culturas como forma de valorização identitária, como bem enfatiza os autores, Oliveira, Oliveira e Araújo,

[...] a construção da identidade se dá de acordo o contexto social em que o sujeito está inserido, isto é, conforme as referências que ele tem contato no convívio e na interação com o meio social em que vive. Nesta direção, defende-se que o trabalho com diferentes literaturas possibilita a criança compreender melhor o mundo a sua volta, quem ela é, quem é o outro e o grupo étnico do qual faz parte, com isso, se orgulhar das suas origens. (Oliveira; Oliveira; Araújo, 2021, p. 61)

Nessa perspectiva, ela vai para além do livro didático reinventando, buscando novas estratégias para conduzir a sua prática de ensino, explorando de forma interdisciplinar, inserindo nos conteúdos estudados, os nomes e as profissões dos pais/responsáveis. Através dessa estratégia, a professora valoriza a origem e a história da criança. Valdeci corrobora com Arantes (2022), pois para a autora “inserir

elementos para a valorização da história e cultura afro-brasileira e africana no ambiente escolar diz respeito a todos os sujeitos não apenas à população negra, pois todos precisamos de uma educação menos racista” (Arante, 2022, p.51). Dessa forma, Arantes defende uma educação que esteja voltada para as relações étnico-raciais.

Na sequência, a docente foi questionada sobre a seguinte questão: Na concepção da senhora é preciso combater práticas racistas através da Literatura Afro-Brasileira nos anos iniciais? Sua resposta indica seu comprometimento com uma educação voltada para as relações étnico-raciais:

Com certeza! E essa prática já venho desenvolvendo, exatamente, nesse sentido, de combater práticas racistas, de abandonar frases ro-ti-nei-ras que são racistas. Que às vezes, já tá tão enraizada que a gente [...] nem percebe. Tão inconsciente, que a gente nem percebe que tá praticando o racismo, tudo isso eu tenho trabalhado. Com muita frequência. Tudo que acontece na televisão, eu levo pra eles e trago pra realidade da gente, como é que se aplica pra nossa comunidade quilombola?

Através do exposto acima, percebe-se que a docente busca estratégias visando combater o racismo, promovendo roda de conversa, debate, discutindo questões que estão enraizadas na sociedade brasileira. Portanto, consideramos que o educador precisa promover momentos como esses, em sala de aula. Discutir e refletir com as crianças acerca de uma sociedade menos injusta e racista porque através da educação é possível formar cidadãos conscientes e combater a desigualdade social.

4.2 O TRABALHO PEDAGÓGICO COM LITERATURA AFRO-BRASILEIRA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Conforme a professora Valdeci, a escola que leciona ainda não possui uma biblioteca, entretanto, não impossibilitou a docente de desenvolver um trabalho explorando a Literatura Afro-Brasileira. Quando questionada se a escola que leciona tem livros infantis que tem personagens negros (as), sua resposta foi a que segue: “Nós não temos biblioteca, mas temos um acervo de Literatura Negra, até doado pela UNILAB, no projeto que foi desenvolvido lá na escola e nós recebemos um acervo de livro.”

Poder contar com uma biblioteca para explorar atividades educativas é de extrema importância para o processo de aprendizagem da criança, pois através dela, a criança pode ter contato com o mundo literário, conhecer os diferentes gêneros textuais, as suas características próprias, além de explorar a imaginação, a oralidade, a organização de ideias, a leitura, a escrita entre outras habilidades. Nesse sentido, Bernadete Santos Campello e colegas afirmam:

A biblioteca escolar, é sem dúvida, o espaço por excelência para promover experiências criativas de uso de informação. Ao produzir o ambiente informacional da sociedade contemporânea, a biblioteca pode, através de seu programa, aproximar o aluno de uma realidade que ele vai vivenciar no dia a dia, como profissional e como cidadão. A escola não pode mais contentar-se em ser apenas transmissora de conhecimento [...] (Campello *et al.*, 2017, p.4).

Portanto, a existência de uma biblioteca na escola faz a diferença porque é um espaço preparado para ser um facilitador na produção de conhecimento devido a sua diversidade literária, sobretudo, se as literaturas indígenas e afro-brasileiras estiverem contempladas em seu acervo, para as crianças manusearem e conhecerem a sua história, pois foram esses povos que solidificaram a formação da cultura brasileira, mas que por muito tempo foram silenciadas em todos os segmentos da sociedade.

Nesse sentido, apesar das adversidades, poder contar com um acervo literário negro, como foi citado pela professora, é de extrema importância por proporcionar a comunidade escolar, um contato com uma literatura ainda invisibilizada por muitas pessoas, mas que carrega uma história de pertencimento, regatando valores culturais e sociais.

Solicitada a citar algumas obras literárias, caso lembrasse, a professora Valdeci destacou algumas: “Amora, de Emicida; o Pequeno Príncipe Preto, Menina Bonita do Laço de Fita... ÉÉÉ... tem um monte...agora...foge, mas tem muitos...Meu Avô Africano.”

Nos parágrafos anteriores, sinalizou-se a carência de uma biblioteca com o suporte necessário para a realização de atividades que explorassem a vivência literária através da imaginação, desenvolvendo o senso crítico, a capacidade leitora dos discentes, estimulando o gosto pela leitura. Entretanto, a docente desenvolveu o seu trabalho em sala de aula, contando com uma coleção doada pela nossa Universidade (Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

(Unilab) e por meios próprios, visando fazer a diferença em sala de aula como bem defende Gomes e Araújo (2023):

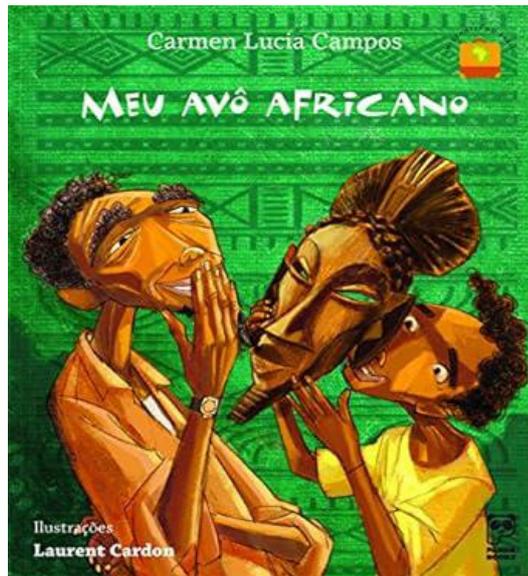
Qualquer profissional da área da educação, de qualquer área e campo de atuação, principalmente aqueles e aquelas que vivem em sociedades com histórico colonial e com profundas desigualdades e injustiças, deve-se comprometer com a construção de um projeto educativo emancipatório. Essa é uma das formas de enfrentar os ataques conservadores que vivemos atualmente. Assim, a justiça curricular articulada à justiça cognitiva poderá ser potencializada e alcançará uma dimensão libertadora e emancipatória. (Gomes; Araújo, 2023, p 53).

Partindo da concepção de Gomes e Araújo (2023) e analisando as informações adquiridas através da entrevista, a professora está ciente sobre a importância de levar para sala de aula, abordagens que estejam em consonância com a realidade dos discentes, sobretudo, esses estudantes que são oriundos de uma comunidade quilombola. Portanto, precisam estudar em conformidade com o que estabelece os documentos oficiais, ou seja, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e a Conferência Nacional de Educação (CONAE).

Dessa forma, o(a) docente, além de desenvolver atividades educativas explorando as habilidades da leitura e da escrita, precisa explorar de forma eficaz, por exemplo, a Literatura Afro-Brasileira, retratado o letramento racial, contemplando a lei 10.639/03, pois assim, trabalhará de forma positiva, a história da comunidade desses estudantes, o seu lugar de pertencimento, enfim, a sua identidade de forma significativa. Nesse sentido, vejamos a seguir algumas obras literárias citadas pela professora Valdeci.

O paradidático intitulado “Meu avô africano” é uma obra literária afro-brasileira, da autora Carmen Lúcia Campos e faz parte do acervo do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD).

Figura 1 - Capa do livro *Meu avô africano*



Fonte: Campos (2010).

A obra é composta por 39 páginas e está dividida em quatro capítulos, a saber: Eu e minha família; Histórias sem fim; Mais velho do que meu avô; Eu também sou africano.

A autora, se apropria do personagem Vô Zinho para enaltecer o importante papel que os mais velhos desempenham na cultura africana (os griôs- pessoas mais velhas que transmitem conhecimentos) e discute de forma didática o processo histórico dos africanos aqui no Brasil.

A história começa com Vitor lori, neto do Vô Zinho, questionando ao vô Zinho o motivo de ter escolhido o nome Vitor lori para ele, pois queria ter um nome italiano.

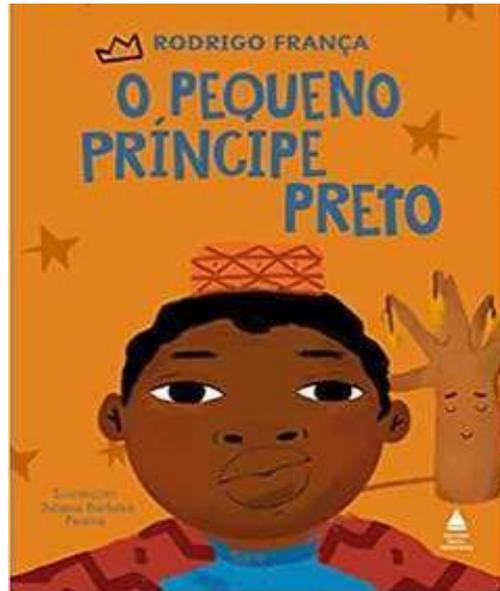
Através de muito diálogo, o vô Zinho explica ao neto, a origem de seu nome, a história de seu povo, o processo de escravização aqui no Brasil, as lutas, as resistências, a importante contribuição dos povos africanos para a formação da cultura brasileira, explicou também que os africanos não vieram para o Brasil por vontade própria como aconteceram com os imigrantes europeus e asiáticos.

Vitor lori, ao fim da história, estava maravilhado com tanto aprendizado, sobretudo, por compreender que a África é um continente, onde originou-se a humanidade e que é marcado por uma rica diversidade.

Percebe-se que o referido paradidático, apresenta uma narrativa com o propósito de tratar a história dos povos africanos e afro-brasileiros a partir de um referencial positivo, combatendo o racismo, como bem estabelece a lei 10.639/03.

Outra obra citada foi o paradidático intitulado “O Pequeno Príncipe Preto” é uma obra literária afro-brasileira, do autor Rodrigo França, indicada para o público a partir de 7 anos. Entretanto, em 2021 o autor publicou uma nova versão “O Pequeno Príncipe Preto para Pequenos”, indicado para as crianças menores.

Figura 2 - Capa do livro O Pequeno Príncipe Preto



Fonte: França (2020).

A narrativa começa com a apresentação do Príncipe Preto, descrevendo suas características, sua origem e o orgulho de ser quem é. Os personagens principais são: O Pequeno Príncipe Preto, representado por um menino preto; o Baobá, uma árvore sagrada dentro da cultura africana, pois está ligada à ancestralidade, apresentando muitos significados; o Rei, descrito como um homem egoísta. O Pequeno Príncipe Preto e a árvore Baobá vivem em um pequeno planeta. A história continua discorrendo sobre a viagem do Príncipe.

Com ajuda dos ventos, ele saiu viajando por outros planetas, com a missão de espalhar as sementes do Baobá por onde passasse e o “Ubuntu” que significa a união entre as pessoas porque as pessoas precisam viver respeitando umas às outras tendo afeto e amor.

Percebe-se que a referida obra literária é um material pedagógico pertinente para o desenvolvimento de propostas pedagógicas voltadas para a representatividade da criança negra, valorizando a sua beleza, contribuindo para a autoestima, além de

ênfatizar a diversidade étnico-racial e cultural, como sendo uma marca da humanidade. A obra discute de forma positiva a pluralidade entre os povos.

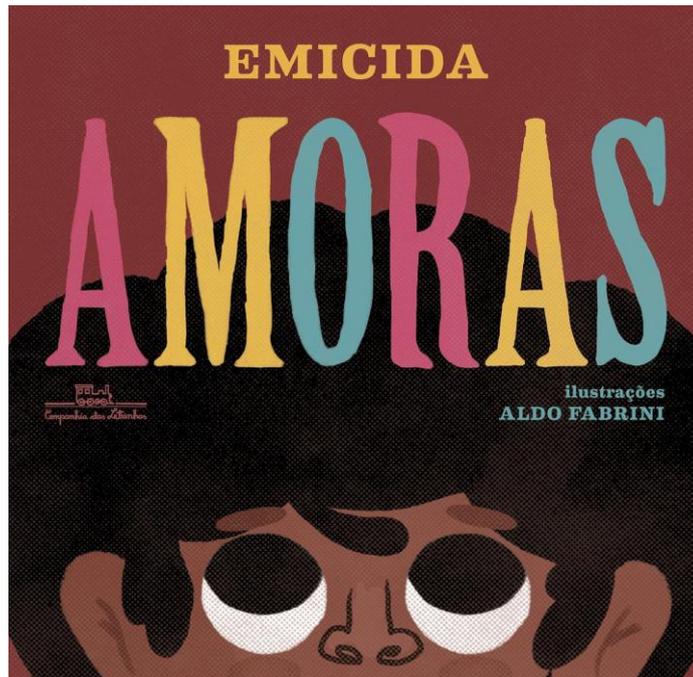
Dessa forma, o autor nos mostra que é possível selecionar e apresentar às nossas crianças referenciais que apresentam a nossa história, rompendo com a falsa ideia da supremacia branca que, infelizmente, ainda se faz presente no Brasil, como informam as Diretrizes para EREER: “Ainda persiste em nosso país um imaginário étnico-racial que privilegia a brancura e valoriza principalmente as raízes europeias da sua cultura, ignorando ou pouco valorizando as outras, que são a indígena, a africana, a asiática” (Brasil, 2004, p.14).

Portanto, a obra supracitada é um referencial positivo para ser trabalhada com todas as crianças, pois enfatiza o amor, a união, ensina a respeitar a diferença, pois é essa diferença, essa diversidade que enriquece a humanidade.

O paradiático intitulado “Amoras” é uma obra literária afro-brasileira, do autor Emicida, indicada para o público infante-juvenil, tendo como personagens principais o pai e a filha. O autor se apropria de um diálogo entre o pai e a filha para enaltecer a história da cultura africana e afro-brasileira, tendo a cor da fruta amora como um referencial para a narrativa. Ele inicia a narrativa reverenciando a ancestralidade africana através do Orixá Obatalá.

Em seguida, a narrativa continua com o pai e a filha passeando no pomar. Ele explica à filha que as amoras, quanto mais pretinhas, mais doces, por isso são as melhores. A menina por sua vez, começa pegar as amoras mais pretinhas relacionando-as com grandes personalidades negras. Na concepção da menina, as amoras são fortes como o lutador do Hing, gentil como o Martin Luther King, depois pega mais uma amora reverenciando Zumbi dos Palmares com uma frase “nada foi em vão” e no final, concluiu com a sua autoafirmação dizendo “Papai, que bom! Porque eu sou pretinha também”.

Figura 3 - Capa do livro Amoras



Fonte: Emicida (2018).

A partir do exposto acima, percebe-se a potência que é essa narrativa, pois é um referencial positivo, promovendo de maneira singela, uma reflexão profunda sobre a importância do autoconhecimento, do empoderamento, da conscientização sobre a nossa história, dos nossos ancestrais, das pessoas que lutaram em prol da liberdade de seu povo, buscando uma sociedade mais justa, combatendo esse sistema racista.

Através do paradidático aqui discutido, é possível inferir, sobre o poder que uma história tem na imaginação de uma criança. A menina ficou feliz, sentiu-se importante por ser pretinha, tendo como referência as amoras e na sequência todas as pessoas citadas por ela, a partir de um conceito positivo.

Partindo desse pressuposto, avalia-se a importância do espaço escolar ser contemplado com essas obras literárias, discutindo e valorizando os diferentes povos.

O paradidático intitulado “Menina Bonita do Laço de Fita” é uma obra literária afro-brasileira, da autora Ana Maria Machado, indicada para o público infanto-juvenil.

Das quatro obras aqui analisadas, esta é a mais antiga, publicada no ano de 1986, portanto, antes da Lei 10.639/03. A narrativa envolve três personagens, a mãe, a menina e o coelho. Os dois últimos são os personagens principais. A mãe da menina, estando à parte, observa a conversa entre o coelho e a menina: O coelho, encantado pela beleza negra da menina, insistentemente questiona a sua amiga:

“Menina bonita do laço de fita, qual o teu segredo para ser tão pretinha?”

A menina respondeu:

“Ah, deve ser porque eu caí na tinta preta”.

O coelho tomou um banho de tinta, mas logo após uma chuva, a tinta saiu, então ele, novamente, perguntou:

“Menina bonita do laço de fita, qual o teu segredo para ser tão pretinha?”

A menina não sabia o que dizer, respondeu:

“Ah, deve ser que eu tomei muito café quando era pequenina”.

O coelho bebeu bastante café, mas só conseguiu ficar com insônia e fazer muito xixi. Ele, insistentemente, voltou à casa da menina e fez a mesma pergunta. A menina mais uma vez inventou:

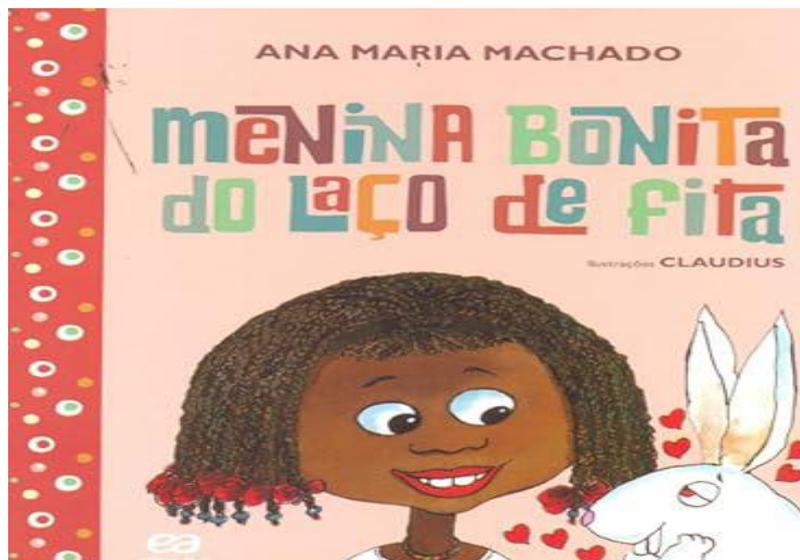
“Ah, deve ser porque eu comi muita jabuticaba quando era pequenina”.

O coelho por sua vez passou a consumir muita jabuticaba, mas o máximo que conseguiu foi ficar muito pesado e fazer “cocozinho preto e redondo igual a jabuticaba”. O coelho inconformado, perguntou, novamente.

A mãe da menina escutando toda a conversa e percebendo que a filha não sabia como explicar a sua origem, então, a mãe tomou a palavra e disse: “Artes de uma avó preta que ela tinha”.

O coelho se conformou porque percebeu que as pessoas se parecem com as pessoas da própria família.

Figura 4 - Capa do livro Menina Bonita do Laço de Fita



Fonte: Machado (1986).

De acordo com o exposto, compreende-se que a narrativa busca valorizar o povo negro, quebrando paradigmas sociais, rompendo preconceitos, entretanto, alguns autores, sinalizam que é preciso ter cuidado ao explorá-la, pois apresenta algumas fragilidades como, por exemplo, a menina não conhece a sua origem, a origem de sua família e, por esse motivo, não tem uma resposta coerente, inventando possibilidades por ser pretinha.

As professoras Dalva Martins, Gina Vieira e Mayssara Reany, em uma roda de conversa intitulada “Letramento racial: discurso decoloniais em narrativas infantis afro-brasileira” nos trouxe reflexões importantíssimas sobre o cuidado que se deve ter ao escolher o material didático para trabalhar com os discentes em todos os segmentos, mas, sobretudo, com as crianças da Educação Infantil e dos Anos Iniciais (1º ao 5º ano) porque elas estão em processo de reconhecimento e formação identitária.

As referidas professoras mencionaram a importância do paratexto “Menina Bonita do Laço de Fita”, pois quando o livro foi lançado, representou um grande avanço literário devido a quantidade insignificante de obras literárias infantis representando com positividade as relações étnico-raciais, retratando as crianças negras com beleza e protagonismo, contudo ao ser analisado nas entrelinhas, não é uma história consistente sobre a verdadeira origem da criança afro-brasileira. Por isso, a importância dos educadores analisarem o material a ser explorado com segurança, fazendo as intervenções necessárias e coerentes, objetivando combater o racismo (Martins; Vieira; Reany, 2020).

Portanto, as obras literárias aqui analisadas, inclusive a “Menina Bonita do Laço de Fita” com suas ressalvas, são materiais pedagógicos que precisam ocupar as prateleiras das bibliotecas das demais escolas, precisam estar presentes na rotina da sala de aula, pois dessa forma, é possível trabalhar a imaginação, romper com preconceitos, valorizar a autoestima da criança negra, além de “combater práticas racistas, de abandonar frases rotineiras que são racistas que às vezes, já tá tão enraizada que a gente, nem percebe” como bem enfatizou a docente Valdeci.

A professora Valdeci corrobora com Gomes e Araújo (2023), pois mostra-se comprometida com uma prática de ensino contemplando uma educação libertadora e emancipatória.

Ao ser questionada sobre a frequência que explora a Literatura Afro-Brasileira com a turma, responde como segue:

[...] eu trabalho com uma frequência boa porque na minha turma eu desenvolvo a leitura deleite. Todo dia, antes da aula...eu tenho dez quinze minutos de leitura com eles, onde eu leio para eles, e aí eu tenho lido muitos desses livros e outros livros também da Literatura Brasileira. Eles têm muito contato.

Conforme a declaração acima, a frequência com que é explorada a Literatura Afro-Brasileira, foi qualificada pela professora como boa, sinalizando os momentos de leitura deleite para intensificar a valorização dessas obras literárias.

Proporcionar aos discentes dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, o contato com as Literárias Afro-Brasileira e Indígena é de extrema importância porque a criança se vê representada através dessas narrativas, ajudando na valorização de sua autoestima, pois ao longo da história essas literaturas foram invisibilizadas e silenciadas, motivo pelo qual muitos adultos e idosos de hoje, cresceram sem poder contar com um referencial positivo tanto no espaço escolar, como nos demais segmentos da sociedade, pois como já mencionado em outros capítulos, somente a partir do ano de 2003, com a Lei 10.639, surgiram novas perspectivas educacionais valorizando as relações étnico-raciais.

Sobre as estratégias utilizadas para desenvolver atividades referentes à Literatura Afro-Brasileira, a docente indica:

[...] agora eu tô fazendo um projeto de leitura, "Leitura de Quilombo". Fiz as sacolinhas pra todos, de camis, com as cores da Jamaica, escrevi na frente: Leitura de Quilombo e o livro que eles vão levar para ler, individualmente, agora é ...Meu Avô Africano, já tá ali separado. E com a outra turma, eu vou trabalhar "Um aluno especial" pra trabalhar também a questão dos alunos especiais, inclusão. Mas...todas as minhas aulas, eu trago essa questão, todas! Essa temática está sempre presente.

O exposto acima nos mostra como a docente apropria-se de uma estratégia diferente e criativa para desenvolver atividades explorando obras literárias afro-brasileiras, estimulando nas crianças o gosto pela leitura, através de conteúdos que dialogam com a realidade da comunidade dos discentes, além de oportunizar a família de cada criança o contato com as referidas obras. A partir do momento que a criança leva para casa esse material pedagógico, compartilhará com os seus familiares, oportunizando-os a participarem desse processo de resgate e valorização identitária, enquanto comunidade quilombola, tendo como base um referencial que discute de forma singular a história africana e afro-brasileira, combatendo o racismo.

Portanto, respaldada na Lei nº 10.639/03 e consciente da importância de uma educação voltada para a realidade dos discentes, a professora desenvolve um importante papel nesse processo, contribuindo para uma educação significativa. Para isso, ela apropriou-se do papel de um (a) professor(a) pesquisador (a), construiu material que dialogasse com a realidade e o contexto que as crianças estão inseridas,

bem como, utilizou material didático que retratasse com positividade as crianças negras.

Através de sua prática docente, fortalece a autoestima das crianças, conscientizando-as sobre a sua importância e o lugar de pertencimento que ocupa na sociedade, mostrando que, aos poucos, esse cenário pode mudar, embora ainda há muito o que fazer para alcançar o ideal. Contudo, de acordo com o trabalho apresentado pela professora Valdeci, explorando a Literatura Afro-Brasileira de uma forma positiva, ela nos faz refletir que os (as) educadores (as), desde a educação Infantil, podem fazer a diferença em uma sala de aula.

Embora nossa pesquisa tenha como objetivo refletir sobre o trabalho nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, ao ser questionada sobre os livros supracitados, quais já foram explorados na turma que leciona, a docente nos trouxe questões pertinentes com relação a trabalhar com as crianças desde cedo às relações étnico-raciais:

Alguns desses, eu não explorei nessa turma, eu explorei o ano passado com a turma de 3 anos, que eu estava na Educação Infantil. O ano passado eu lecionei numa turma de 3 anos e aí explorei todos esses. Mesmo porque eu tenho uma sobrinha de três anos que ela não tinha esse entendimento dessas questões e, aí um dia, minha filha aqui dando escova no cabelo... e o cabelo de minha filha é cacheado, só pra secar mesmo, e ela disse: "Maria" seu cabelo não balança...seu cabelo é duro, igual o de minha mãe. E aí, eu trabalhei com ela um que fala sobre os tipos de cabelo...e aí eu vi a necessidade que já tava na hora de começar trabalhar essas temáticas com as crianças. E aí comecei todas as minhas atividades eram com base em alguns livros com essas temáticas. Trabalhei muitos.

Percebe-se, nas palavras da professora, a importância da intervenção pedagógica visando explorar a literatura negra no sentido de provocar transformações positivas nas crianças, desde a educação infantil, evitando falas inocentes, com conotações preconceituosas, como: "Maria" seu cabelo não balança...seu cabelo é duro, igual o de minha mãe", ou seja, a fala inconsciente de uma criança de três anos, é o reflexo de uma sociedade racista, ela reproduz o que aprendeu nos espaços sociais, a partir de um referencial negativo, portanto a Literatura Afro-Brasileira contribui para formar crianças conscientes da diversidade humana, como bem sinalizado por Alves (2018, p.09): "[...] ressaltamos que tal literatura funciona também como molde, agindo justamente com as estratégias pedagógicas, auxiliando na humanização das crianças, formando personalidades e não pessoas preconceituosas".

A escola também é responsável em formular o estereótipo do “cabelo duro” a partir do momento que prioriza obras literárias canônicas, as quais não representam a maioria das crianças brasileiras. Com isso não estou dizendo que a escola não deva explorar a literatura branca: Chapeuzinho Vermelho, Branca de Neve, Cinderela, entre outras. A criança precisa ter contato com a diversidade contemplando esses clássicos sim, mas, sobretudo, o contato com obras literárias que explorem também a representatividade porque a criança precisa ver/ler nas histórias infantis que o seu cabelo crespo é diferente do cabelo de Branca de Neve, não por ser inferior, mas sim, por causa da diversidade entre os povos, por isso o seu cabelo origina dos povos africanos, das princesas e rainhas africanas, muito bem representado na obra literária intitulada “Meu crespo é de rainha” da autora Bell Hooks em 1999 e publicado no Brasil em 2018.

Dessa forma, como estratégia de combate ao racismo, o sistema educacional precisa romper com esse cânone literário. Nas concepções de Pascolati e Platzer “A constituição de um cânone literário é sempre uma arena política em que grupos disputam o poder de decisão do que é bom ou ruim em literatura, o que deve ou não ser lido” (Pascolati; Platzer, 2019, p. 8). Por isso, o rompimento com a utilização exclusiva da Literatura canônica é necessário, dando espaço para tantas outras Literaturas silenciadas.

Com base nas declarações da docente, a pesquisadora fez o seguinte questionamento: Sobre os objetivos traçados para as aulas explorando a Literatura Afro-Brasileira, eles foram alcançados? A senhora percebe se foram alcançados?

Percebo. Por exemplo, eu peguei uma turma de 5ºano que eles não trabalhava com essa questão no 4º ano e aí quando eu cheguei na sala eu me deparei com alunos que não se reconheciam pretos, que não tinha nenhum respeito pelas colegas, que a menina mais retinta da sala era culpada por todas as coisas que aconteciam na sala e a partir desse trabalho, eu já vi esses alunos se elogiando, chamando de lindos, de bonitos...é...se tratando com respeito, mudou toda a postura da minha sala porque eu digo a eles [...] bullying, racismo, não é mi mi mi, é crime.. e tem...e tem consequências gravíssimas na vida das pessoas e, na minha sala, essas práticas não vão se reproduzir. Vocês estavam acostumados com a outra professora, desconstruam, porque comigo vai ser diferente.

A docente nos traz questões pertinentes que acontecem, diariamente, nas salas de aula, ou seja, não é um fato isolado de uma turma do 5º ano, pois é comum ouvir relatos e noticiários abordando essas questões que acontecem dentro das

escolas. Entretanto, o (a) professor (a) não deve se omitir, mas sim, procurar estratégias de combate.

Dessa forma, além da estratégia de intervenção utilizada pela professora Valdeci frente a problemática, outras poderão ser utilizadas nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental como, por exemplo: explorar documentários, criar oficinas, produzir textos a partir de conteúdo sistematizado, explorar música, desenvolver atividades explorando e valorizando a cultura local, entre outros.

4.3 DESAFIOS PEDAGÓGICOS PARA EXPLORAR A LITERATURA AFRO-BRASILEIRA COM AS CRIANÇAS DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

A professora nos trouxe informações importantíssimas a respeito dos desafios encontrados para o desenvolvimento de atividades explorando a Literatura Afro-Brasileira, a saber: a falta de formação continuada para os docentes se apropriarem da temática, facilitando o trabalho com atividades educativas voltadas para as relações étnico-raciais, combatendo as práticas racistas; a falta de uma biblioteca e de um acervo diversificado; o desinteresse de alguns docentes em pesquisar, estudar sobre o assunto para desenvolver atividades em conjunto, contemplando e retratando a Literatura Afro-Brasileira.

Indicou ainda que não há suporte dos órgãos gestores, ao ser perguntada se a temática é explorada sob a orientação da Secretaria de Educação ou iniciativa própria: “É uma iniciativa própria, nós temos na escola, foi desenvolvido todo um projeto com a Unilab, mas nem todo professor tem apropriação disso, e... alguns não têm interesse também. Quem não sabe...mas aprende, né? [...]”.

Através das palavras da docente, até o momento da entrevista, junho de 2023, percebe-se que a escola, a qual leciona, não tinha um projeto de ensino que contemplasse a exploração da Literatura Afro-Brasileira nos Anos Iniciais. Para Arantes isso não pode acontecer, pois a referida Literatura tem um “grande valor no cotidiano da sala de aula” (Arantes, 2022, p.52), sobretudo tratando-se de uma escola localizada em uma comunidade quilombola.

A educação escolar para essa comunidade deveria atender aos critérios de uma Educação Escolar Quilombola, conforme o que estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica, no seu artigo 41:

Art. 41. A Educação Escolar Quilombola é desenvolvida em unidades educacionais inscritas em suas terras e cultura, requerendo pedagogia própria em respeito à especificidade étnico-cultural de cada comunidade e formação específica de seu quadro docente, observados os princípios constitucionais, a base nacional comum e os princípios que orientam a Educação Básica brasileira. (Brasil, 2010, p. 13)

Contudo, conforme as declarações da professora Valdeci, até o momento que esta pesquisa foi realizada, a escola na qual leciona não atende as especificidades de uma escola quilombola, voltada para as relações étnico- culturais e sociais. Os (as) professores(as) não estão sendo contemplados com formação continuada voltada para atender as demandas de uma educação quilombola e, nas palavras da docente, os (as) colegas docentes não têm interesse em desenvolver atividades explorando a Literatura Afro-Brasileira. Vejamos o que diz a Conferência Nacional de Educação (CONAE), quanto a educação escolar quilombola, no contexto de políticas públicas:

Promover a formação específica e diferenciada (inicial e continuada) aos/às profissionais das escolas quilombolas, proporcionando a elaboração de materiais didático-pedagógicos contextualizados com a identidade étnico-racial do grupo. Instituir o Plano Nacional de Educação Quilombola, visando à valorização plena das culturas das comunidades quilombolas, a afirmação e manutenção de sua diversidade étnica. Assegurar que a atividade docente nas escolas quilombolas seja exercida preferencialmente por professores/as oriundos/as comunidades quilombolas. (Brasil, 2010, p. 132)

De acordo com o que é estabelecido pela Conferência Nacional de Educação e os dados trazidos pela entrevistada Valdeci, percebe-se que a educação nesta escola não está em consonância com os documentos oficiais, pois falta formação inicial/continuada voltada para atender as especificidades de uma comunidade quilombola. Os docentes, na sua maioria, não demonstra interesse em desenvolver propostas didáticas contemplando a Literatura Afro-Brasileira, numa perspectiva de combate às práticas racistas, resgatando e valorizando a origem e a identidade dessas crianças.

Lourdes Carril (2017) nos mostra que os desafios supracitados, não são problemas isolados das comunidades quilombolas apenas do município de Santo Amaro, mas estão presentes em todo o Brasil, a saber:

Os desafios postos para a educação escolar destinadas aos estudantes quilombolas são amplos e antagônicos, pois o reconhecimento da especificidade é franco a partir da própria criação das DCN, da atenção que

tem sido levada às escolas quilombolas e às que não se encontram nesses territórios, mas que buscam atender as crianças das comunidades. Recursos financeiros, material didático específico e o incentivo do Programa Nacional de Alimentos Escolar (PNAE) revelam avanços. Contudo são muitas as inseguranças presentes na educação quilombola, envolvendo as condições dos estabelecimentos escolares, o uso de recursos didáticos apropriados e a formação docente (Carril, 2017, p. 552).

Essa insegurança presente na educação quilombola e, por consequência, infringindo as Leis 10.639/03 e 11.645/08 é que permite que muitas instituições escolares desenvolvam propostas pedagógicas alinhadas com temáticas folclorizadas, explorando-as com o objetivo de cumprir com a agenda do dia da Consciência Negra (20 de novembro) quando na verdade, faz-se necessário um trabalho, efetivo, contemplando o ano letivo.

Em sua pesquisa, Silva (2016) acompanhou duas escolas referente à consolidação de práticas pedagógicas visando a valorização de uma educação para as relações étnico-raciais.

A autora reconhece a positividade no trabalho desenvolvido, porém constatou fragilidades em ambas. Ela enfatiza a escola intitulada Africanidades por tentar desenvolver tais propostas alinhadas a um currículo diferenciado, contudo, por várias situações, não conseguiu alcançar na sua plenitude, tais objetivos como, por exemplo, desenvolver atividades alinhadas a temática durante o ano letivo, resumindo-se apenas em um momento no fim do ano, embora foi possível perceber excelentes trabalhos.

A autora supracitada, reconhece que essa disponibilidade, essa tentativa das escolas, em implantar uma proposta curricular diferenciada é uma das conquistas do Movimento Negro, pois conseguiu reverberar a necessidade de estabelecer políticas educacionais afirmativas como forma de combate ao racismo, entretanto, a mesma autora, através de sua tese, destacou que:

O processo de construção e vivência das práticas pedagógicas acontece num contexto de disputa curricular política e social, que se dá em dois níveis: no espaço da escola, entre os membros da comunidade escolar e na relação da escola com as secretarias de educação, fator que explica porque a perspectiva epistêmica do trabalho nem sempre apresenta distanciamentos significativos das práticas eurocêntricas que produziram a subalternização da população negra no Brasil. (Silva, 2016, p.213)

Portanto não basta apenas conquistar direitos, mas fazê-los sair do papel, rompendo com esse modelo de currículo engessado que aprisiona as escolas

brasileiras. A docente entrevistada, mostra-se comprometida em fazer a diferença através de uma educação que contemple a Literatura Afro-Brasileira, como bem é explicado por ela “Mas eu...vejo como uma NECESSIDADE, de desde, desde da Educação Infantil, já tá desenvolvendo essa consciência nas crianças, então é um compromisso meu mesmo, de vida.”

Como é possível perceber, o (a) docente tem um papel importante no processo de formação identitária da criança, pois mesmo sem as ferramentas, sem o apoio necessário, é possível fazer a diferença na vida e na formação dos (as) alunos (as).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho foi exposto e discutido que o sistema educacional brasileiro não tinha/ tem um olhar sensível com relação ao desenvolvimento de propostas pedagógicas voltadas para uma educação que valorizasse as múltiplas culturas, resignificando conceitos sobre a história dos povos afro-brasileiros e indígenas. Entretanto, através do que foi exposto até o momento, percebe-se que houve um avanço através das lutas dos movimentos políticos sociais, a exemplo do Movimento Negro, bem como, os diversos trabalhos científicos produzidos pelos (as)autores (as) dando ainda mais força e credibilidade para a inserção da Literatura Afro-Brasileira no currículo escolar, ocupando um lugar de direito.

Atendendo a pauta do Movimento Negro e compreendendo a necessidade de criar políticas públicas visando uma educação que valorizasse os brasileiros na sua totalidade, não apenas a um grupo que por séculos foi privilegiado, o Estado Brasileiro sancionou Leis para contemplar a história e cultura africana, afro-brasileira e indígenas. Contudo, apesar de muitos avanços, a aplicabilidade das referidas Leis, ainda é um desafio, não apenas para a escola do município de Santo Amaro, campo de pesquisa deste trabalho, mas para tantas outras escolas brasileiras, como já foi discutido em outras seções.

O objetivo deste estudo foi analisar como a Literatura Afro-Brasileira está sendo vivenciada, como prática de combate ao racismo, por uma docente de turmas dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, em uma escola do município de Santo Amaro. Para isso, foi preciso discutir as percepções da professora acerca da importância de trabalhar a Literatura Afro-Brasileira, como prática de combate ao racismo; mostrar

como a docente tem trabalhado com a Literatura Afro-Brasileira; e refletir sobre desafios do trabalho pedagógico com Literatura Afro-Brasileira nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Através dos resultados encontrados, constata-se que apesar dos desafios enfrentados, a professora é comprometida em desenvolver uma proposta pedagógica explorando essa temática, fazendo a diferença na escola. Ainda de acordo com os relatos da docente, destacamos que ela não percebe em muitos colegas o interesse em cumprir o que determina as Leis 10.639/03 e 11. 645/08. Mesmo os estudantes sendo de uma comunidade quilombola, tendo a necessidade de estudar e compreender a sua história e a história de seu povo. Portanto a professora Valdeci oferece uma proposta pedagógica alinhada com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais. Para isso, busca estudar, pesquisar, participar de cursos com o propósito de criar novas estratégias e possibilidades de explorar a Literatura Afro-Brasileira na perspectiva de oferecer um referencial positivo para esses estudantes, em sua maioria negros (as).

Referente aos meus aprendizados, considero que poder vivenciar esse momento de pesquisa científica foi muito gratificante e enriquecedor, pois pude sistematizar, analisar, relacionar teoria e prática. E através desse processo perceber a importância de ter em sala de aula um(a) docente consciente e comprometido(a) com uma educação voltada para uma prática pedagógica que discuta e valorize as múltiplas culturas, explorando com os (as) seus discentes as literaturas afro-brasileiras e indígenas a partir de narrativas positivas. Como já foi pontuado, até a chegada da Lei nº 10.639/03 não existia uma obrigatoriedade em discuti-las. As crianças negras/indígenas quando apareciam nos livros didáticos eram de forma negativa, inferiorizada e romantizada, pois o sistema educacional brasileiro tinha um padrão literário representando as crianças brancas, consideradas com superioridade.

Dessa forma, as literaturas afro-brasileira e indígena, podem contribuir para o fortalecimento e a valorização identitária das crianças brasileiras desde pequeninos: estimulando a autoestima; contribuindo para o fortalecimento e a aplicabilidade das Leis nº 10.639/03 e 11.645/08, as quais valorizam as relações étnico-raciais. Dessa forma, precisa-se iniciar um trabalho de base. Por isso, as literaturas supracitadas são instrumentos eficazes, com potencial para um trabalho sistematizado e solidificado, alcançando o público infanto-juvenil através das diversas possibilidades que o mundo literário possibilita.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. L. de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Jandaíra, 2019.

ALVES, Edilene Leite. O ensino de literatura africana na escola. *In*: SANTOS, S. C. M. et al. **Sinafro**: I Simpósio Internacional de Ensino e Culturas Afro-brasileiras e Lusitanas. Campina Grande: Realize, 2018. p. 796-805.

ARANTES, Adlene Silva. **Literatura Infantil com personagens negros**: intenções na extensão universitária. Recife: Edupe, 2022.

BARROS, Z. et al. **Educação e Relações Étnico-raciais**: módulo 4. Brasília: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; Salvador: Centro de Estudos Afro Orientais, 2013.

BENEDICTO, Ricardo Matheus. Educação quilombista: uma proposta de educação afrocentrada no Brasil. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação** (RESAFE), n. 31, p. 18-33, 2019.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana**. Brasília: Ministério da Educação, 2004.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: Casa Civil, 1996.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 09 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, [...], para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira"... Brasília: Casa Civil, 2003.

BRASIL. **Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008**. Altera a Lei nº 9.394, [...], modificada pela Lei nº 10.639, [...], para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". Brasília: Casa Civil, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana**. Brasília: Secretaria especial de políticas de promoção da igualdade racial, 2004.

BRASIL. **Resolução nº 4, de 13 de julho de 2010**. Define Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica. Brasília: Ministério da Educação, 2010.

CAMPELLO, et al. **A biblioteca escolar**: temas para uma prática pedagógica. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

CAMPOS, Carmen Lúcia. **Meu avô africano**. São Paulo: Panda Books, 2010.

CARRIL, Lourdes de Fátima Bezerra. Os desafios da educação quilombola no Brasil: o território como contexto e texto. **Revista Brasileira de Educação**, v. 22, p. 539-564, 2017.

CUNHA, Joaci de Sousa. **Amargo Açúcar**: Aspectos da história do trabalho e do capital no Recôncavo açucareiro da Bahia (1945-1964). 1995. 283 f. Dissertação (Mestrado de História) Faculdade de História da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1995.

DEMO, Pedro. **Metodologia do conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2017.

DUARTE, de Assis Eduardo. Por um conceito de literatura afro-brasileira. **Revista Terceira Margem**, v. 14, n. 23, p. 113-138, 2010.

EMICIDA. **Amoras**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

FELIPE, Delton Aparecido. Brasil-África: a formação docente para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana como estratégia de uma educação antirracista. **Revista eletrônica de educação**, v. 14, p. e3372087, 2020.

FELIPE, Luiz Carlos; ZAPPONE, Mirian Hisae Yaegashi. Afroletrar o letramento para enegrecer o currículo. **Terra roxa e outras terras: Revista de Estudos Literários**, v. 37, p. 9-23, 2019.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. **Literatura negra, literatura afro-brasileira: como responder à polêmica**. Salvador: Centro de estudos afro-orientais, 2006.

FRANÇA, Rodrigo. **O Pequeno Príncipe Preto**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020.

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

GOMES, Nilma Lino; ARAÚJO, Marlene de. **Infâncias negras: Vivências e lutas por uma vida justa**. Petrópolis: Vozes, 2023.

GOMES, Nilma Lino. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações no Brasil: uma breve discussão**. Brasília: Ministério da Educação, 2005. Coleção para todos.

GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro Educador: Saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis: Vozes, 2021.

HOOKS, Bell. **Meu crespo é de rainha**. São Paulo: Boitatá, 2018.

MARTINS, Dalva; VIEIRA, Gina; REANY, Mayssara. **Letramento Racial: discursos decoloniais em narrativas infantis afro-brasileiras**. 2020. 1 vídeo (2 horas e 23 minutos). Publicado pelo canal Mulheres Inspiradoras. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=skAIKRUPpEY>. Acesso em: 29 abr. 2024.

MACHADO, Ana Maria. **Menina Bonita de Laço de Fita**. São Paulo: Ática, 1986.

MENEZES, Valquíria Borges de. **O papel da literatura infantil afro-brasileira na construção identitária das crianças negras**. 2017. 51 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Humanidades) - Instituto de Humanidades e Letras, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 2017.

MINAYO, Maria Cecília; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2011.

MUNANGA, Kabengele. Por que ensinar a história da África e do negro no Brasil de hoje? **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 62, p. 20–31, dez. 2015.

NASCIMENTO, Elisabete. **Afroletramento docente**. Rio de Janeiro: Universidade Candido Mendes, 2010.

OLIVEIRA, Bernadete Rodrigues de; OLIVEIRA, Paula Grasielle dos Santos de; ARAÚJO, Jurandir de Almeida. Educar na e para a diversidade: O trabalho com a literatura afro-brasileira na educação infantil. **Linguagens: Revistas de Letras e Comunicação**. Blumenau, v. 15, n. 2, p 58-75, 2021.

PASCOLATI, Sonia; PLATZER, Maria Betanea. Cãnone e escola: disputas de poder. **Terra Roxa e Outras Terras: Revista de Estudos Literários**, v. 37, p. 5-8, 2019.

PEIXOTO, Fabiana de Lima. **Literatura Afro-brasileira**. Salvador: Programa A Cor da Bahia, FFCH/UFBA, 2013.

PONTES, Katiúscia Ribeiro. **Kemet, escolas e arcádeas: a importância da filosofia africana no combate ao racismo epistêmico e a Lei 10639/03**. 2017. 93 f. (Dissertação de Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Filosofia e Ensino do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, CEFET/RJ, Rio de Janeiro, 2017.

REIS, J. J.; GOMES, F. dos S. (Org.). **Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SANTOS, Tainá da Silva. **Leal e benemérita pérola do Recôncavo: influências históricas e culturais na toponímia de Santo Amaro da Purificação**. 2020. 47 f. Monografia (Licenciatura em Letras) - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 2020.

SILVA, Claudilene Maria da. **Práticas pedagógicas de valorização da identidade, da memória e da cultura negras: a volta inversa na árvore do esquecimento e nas práticas de branqueamento**. 2016. 236 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.

SOARES, Magda. **Letramento**: Um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SOUZA, Edmacy Quirina de; PEREIRA, Reginaldo Santos. Infância e relações étnico-raciais: uma questão de saber-poder. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 13, n. 2, p. 459-472, 2019.

SOUZA, Florentina; LIMA, Maria Nazaré. **Literatura Afro-brasileira**. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

VENÂNCIO, Renato Pinto. Por uma história social do português no Brasil. *In*: RAMOS, Jânia; ALKMIM, Mônica **Para a História do Português Brasileiro volume V**. Belo Horizonte: UFMG, 2007. p. 359-372.

APÊNDICE

**Roteiro da entrevista com a professora
dos anos iniciais do Ensino Fundamental**

1. Qual série leciona?
2. Na escola que leciona tem livros infantis que tem personagens negros (as)?
3. E...É... A senhora pode citar algumas obras literárias... se lembrar?
4. Dos livros citados, quais já foram explorados na turma que leciona?
5. Com que frequência a senhora explora a temática Literatura Afro-Brasileira com a turma?
6. Essa temática é explorada sob a orientação da Secretaria de Educação ou iniciativa própria?
7. Quais estratégias utilizadas para desenvolver atividades referentes à Literatura Afro-Brasileira?
8. Pode citar alguns objetivos traçados nas atividades desenvolvidas?
9. Sobre os objetivos traçados nas aulas explorando a Literatura Afro-Brasileira, foram alcançados? A senhora percebe?
10. Na concepção da senhora, qual a importância de explorar, nos anos iniciais, obras literárias com personagens negros/as assumindo um lugar de protagonista?
11. Na concepção da senhora, é preciso combater práticas racistas através da Literatura Afro-Brasileira nos anos iniciais?